A antiga Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca e a Direcção Geral dos Desportos do Centro, na promoção das actividades de natação em Coimbra

Nídia Salgueiro*

Nota do Editor

A Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca era a mais antiga Escola de Enfermagem Portuguesa, criada em 1981 pelo médico e académico Costa Simões. Em 2004 esta Escola funde-se com outra existente em Coimbra, a Escola de Enfermagem de Bissaya Barreto e constituem a actual Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. O texto de história de vida que seguidamente se apresenta é descrito na primeira pessoa, por uma Professora aposentada da Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca. A autora relata factos e caracteriza personagens, que na época contribuíram com o seu entusiasmo e empenho para a promoção de uma iniciativa desportiva relevante para jovens e adultos. É preciso compreender que na altura, a preocupação com o exercício e a actividade física, enquanto meio preventivo de doenças, não era ainda uma prioridade de saúde e de educação. Deste modo, estas iniciativas tinham essencialmente uma função de aprendizagem, ocupação e convívio e dependiam de incitativas generosas e voluntárias. Estas iniciativas eram no entanto muito necessárias, visto que a oferta de recursos para actividade desportiva e lazer, na época, não era muito abundante na cidade. É ainda de salientar, o sentido proactivo de uma docente, uma figura relevantíssima da enfermagem portuguesa, que para além das suas actividades escolares e de leccionação se envolve em actividades extracurriculares, gerando alternativas de aprendizagem e desenvolvimento pessoal e social dos estudantes, já ao nível do que hoje o tratado de Bolonha considera relevante, no processo de desenvolvimento de competências.

* Enfermeira; Professora aposentada da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.
Texto retirado de apontamentos sobre actividades desenvolvidas como docente.
Junho, 19 de 2009, refeito em 20 Janeiro de 2010

Introdução

Aquando do funeral do Professor Luís Lopes da Conceição (20/12/2009), no final das exéquias, uns quantos ficámos ali na Conchada, como membros de uma família que perde um dos seus membros muito queridos e têm dificuldade em se desligarem, em partirem para os seus destinos. Houve alguém, talvez algum jovem atleta desse tempo, que me perguntou qual era o meu papel ligada à nataçã, pois me via, frequentemente, nas piscinas. Depois de responder à questão, veio à conversa como tinha acontecido a entrada da EEAF naquele mundo e, eu naquela família. Após relatar o que abaixo descrevo, incitaram-me a escrever essas memórias, a partilhar esse testemunho. Em 2010 celebra-se o Centenário da Associação de Nataçã de Coimbra e pretendem assinalar a efeméride com a edição de um livro em que está previsto incluir testemunhos de pessoas ligadas à Nataçã em Coimbra.

O primeiro semestre de 2009 foi particularmente difícil para mim e esse trabalho ficou à espera de oportunidade. Por razões, que não vem ao caso relatar, tive necessidade de consultar no computador os meus documentos curriculares, alguns constituídos por notas sintéticas, outros privilegiando aspectos particulares, conforme o fim a que se destinaram e um mais consubstanciado, que mais parece um Diário Pessoal, onde de vez enquanto registo experiências pessoais. São narrativas, ao correr da pena, de experiências vividas com muita intensidade e pintadas com as cores que os meus olhos e o meu coração lhe deram. Neste documento, encontrei justamente alguns elementos que agora apresento, tal como naquele documento em discurso directo e na primeira pessoa do singular.

Este achado veio em boa altura, pois a CMC de Coimbra homenageou o Professor Luís Lopes da Conceição, nosso primeiro Professor de Nataçã, atribuindo o seu nome a uma rua perto da casa onde nasceu e, justamente no dia seguinte a este trabalho de consulta, iria ocorrer o descerramento da placa toponímica e a homenagem pública no local (19 de Junho de 2009), onde contava estar, demonstrando com a minha modesta presença quanto me congratulava com esta Homenagem, inteiramente merecida.

Redigi então o documento que agora me serviu de base e, que após ter obtido alguns *e-mails* de pessoas significativas presentes naquela cerimónia lhes

enviei, tendo recebido de volta a manifestação do seu apreço e a validação das afirmações que também testemunharam e das opiniões por mim expressas, como nadadores ou professores, entre os quais Joaquim Fidalgo de Freitas e Teresa Oliveira.

A EEAF e as escolas de nataçã da DGD-Secção Regional, Coimbra

A colaboraçã da EEAF nas Escolas de Nataçã, começou pouco depois de ter integrado o seu corpo docente (1968). Sendo responsável pelo Curso de Auxiliares de Enfermagem, soube que o Senhor Dr. Fernando Mendes Silva, Director da DGD, Secção Regional de Coimbra, estava empenhado em desenvolver a nataçã, criando as escolas de nataçã. Pensei contactá-lo no seu cartório de advogado no sentido de saber se os nossos alunos também poderiam vir a usufruir daquela formaçã. Não foi necessário, pois um feliz acaso fez com que me cruzasse com ele na escadaria da velha Maternidade Daniel de Matos (edifício onde actualmente está instalada a ARS). Nessa altura acompanhava um grupo de alunas em estágio naquele serviço e ele ia falar com o irmão, o Senhor Prof. Doutor Mário Mendes. Ali mesmo, no patamar da escada expus-lhe a minha pretensã. Devo dizer que o Sr. Dr. Mendes Silva não era um desconhecido para mim, os seus pais eram da minha Freguesia e havia entre as nossas famílias relações de amizade, além disso ele era o advogado do meu pai. Quando vim frequentar o curso de Pré-Enfermagem (1950) fui recebida em casa do meu tio-avô, amicíssimo do Senhor Manuel Luís, pai do Sr. Dr. Mendes Silva, amizade talvez fortalecida nas trincheiras de França, pois ambos foram combatentes da Primeira Grande Guerra Mundial e eram unidos pelos ideais republicanos. Tratavam-se por correligionários. Uma experiência que recordo e hoje pode parecer anedótico, mas demonstra as dificuldades desses tempos recuados é o seguinte: ia passar o fim-de-semana a casa, a camioneta da carreira, como então se designava, não chegava a tempo de estar na Escola à hora do início da primeira aula de Segunda-Feira, pelo que teria falta, as regras eram rígidas em relação à pontualidade. Sempre dei muita importância ao assistir às aulas, pelo que resolvi o problema vindo de bicicleta, o que me permitiu fazer o curso sem faltas (0%). Eram meus companheiros de viagem rapazes, um

pouco mais velhos, empregados em Coimbra, com os quais estabeleci óptimas relações de companheirismo. Desse grupo só resta um, justamente um dos primos do Sr. Dr. Mendes Silva. Quando nos encontramos sempre recordamos aqueles tempos e recebo as manifestações da sua amizade e do seu apreço pelo facto de ser a primeira jovem da nossa Terra a utilizar a bicicleta. Devo dizer, não para brincar, mas para tratar dos assuntos da empresa do meu pai. A minha bicicleta ficava o resto da semana na casa de vinhos do Sr. Manuel Luís, junto à Igreja de S. Bartolomeu à Praça Velha.

Para minha surpresa Dr. Mendes Silva acolheu muito bem a ideia e convidou-me a encontrar-me com ele no seu cartório para combinarmos uma forma de colaboração, pois poderíamos estabelecer um acordo com benefícios para as duas partes. Sem grande demora lá compareci. Foi muito interessante a forma como o expôs a situação: o seu desejo era de que já na escola primária as crianças aprendessem a nadar, mas tinha um grande problema - não podia meter as crianças na piscina sem o respectivo exame de saúde e isso, com as estruturas de saúde escolar existentes naquela época, era impossível em tempo útil. Então, a DGD tomava a cargo o ensino da natação para os alunos da EEAF e esta colaborava nos exames de saúde. São suas as seguintes palavras “...se a *Nídia* tiver os ovos, outro o açúcar (...) e eu tiver o forno nenhum de nós fará um bolo, mas se juntarmos os nossos recursos podemos fazer um bem grande”. Explicou que estavam a ensinar a nadar os militares, os bombeiros, os polícias, pois, por mais incrível que parecesse, muitos membros destas organizações morriam, inclusive militares na Guiné, porque não sabiam nadar. Os bombeiros, em troca, tratavam da limpeza e manutenção das piscinas, a polícia e exército cediam o transporte para os alunos, etc. É claro que “*não podia tomar qualquer decisão, não tinha poderes para isso mas, iria transmitir esta proposta à Senhora Monitora-chefe, D. Dulce Magalhães Pinto*”. Felizmente, ela mostrou a maior abertura possível, desde que “*me responsabilizasse por estas actividades e acompanhasse as alunas*”. O mesmo não se pode dizer de parte do corpo docente. Seguiram-se várias reuniões na sala que a Piscina Municipal dispunha para sessões culturais, aos sábados e domingos, estando presentes convidados que nos ajudaram a pôr de pé o programa, inclusive

a elaborar uma ficha para a colheita e o registo dos dados dos exames de saúde (era abusivo chamar-lhes exames médicos). Recordo que numas das primeiras reuniões, senão foi mesmo na primeira, a sorrir e a brincar declarou ao grupo “*A Nídia fica a ser o Ministro da Saúde*”. O humor às vezes funciona muito bem para “*levarmos a água ao nosso moinho*”. E assim fiquei empossada naquelas funções!

Contactaram-se médicos para examinarem as crianças, em caso de se detectarem sinais suspeitos de anomalias, laboratórios que forneceram material para testes de glicose e albumina na urina, visitaram-se os Serviços de Saúde Escolar para indagar do material de que dispunham (o pouco material que se encontrou estava numa lástima, mas também havia um aparelho de radioscopia que nunca tinha sido desencanaixotado), obteve-se a colaboração do Centro de Profilaxia e Diagnóstico da Tuberculose (BCG) e dos responsáveis de outras instituições directa ou indirectamente envolvidas. Finalmente repartiram-se responsabilidades:

- _ Para o BCG, que designou uma brigada para o efeito, as microrradiografias do tórax;
- _ Para a EEAF os exames de saúde - altura, peso, capacidade torácica, testes de glicose e albumina na urina, exame da pele, exame da cavidade bucal e dos dentes, colheita de informações relativas ao estado de saúde e de vacinas, preenchendo as respectivas fichas individuais e empréstimo de todo o material necessário a estes exames;
- _ Os transportes ficaram a cargo da polícia, enquanto a DGD não conseguiu adquirir um autocarro;
- _ Ao pessoal da Piscina Municipal o apoio logístico.

Este trabalho foi realizado pelos alunos sob a minha orientação, em estágio de saúde pública, que acompanhei desde a preparação à supervisão da realização dos exames. Era uma correria da Escola para as Piscinas para dar cumprimento a todas as actividades lectivas sob a minha responsabilidade, de que em nada fui aliviada, e acompanhar os alunos naquela actividade e nas suas aulas de natação, inclusive à noite, pois um grupo do CAF, em estágio escolar, tinha estas aulas neste horário.

Se foi um trabalho exigente e cansativo, foi também extremamente estimulante e gratificante: ver chegar carradas de crianças acompanhadas das suas professoras (es), sendo, por vezes, difícil evitar que escorregassem pelos corrimões ou fizessem dos átrios

ringues de patinagem (sem patins, é claro!), verificar como os alunos se compenetravam nas suas tarefas e as desenvolviam na perfeição, apesar da sua ainda curta preparação, enchia-me de orgulho. Detectaram-se vários problemas, inclusive escolas primárias com vários casos de sarna.

Pôde reflectir-se sobre os dados colhidos e comparar os índices de saúde de várias escolas, obviamente, com melhores resultados nas escolas que abrangiam estratos populacionais mais favorecidos, como a dos Olivais.

Segundo o relatório da Piscina Municipal os exames efectuados foram dos seguintes montantes:

1969.....7122

1970.....8927

1971.....2002

Total.....18051

Verifica-se que em 1971 há um decréscimo acentuado, isto deve-se ao facto de que a maior parte dos exames começaram a ser realizados nos próprios estabelecimentos escolares. O número indicado diz respeito somente aos realizados no complexo das Piscinas Municipais. Mas os alunos da EEAF também deram o seu contributo nos exames realizados nos estabelecimentos escolares. Foi depois destinada uma docente (uma belga que fez um estágio na EEAF), que em saúde pública, na área da Saúde Escolar, pode acompanhar mais de perto esta actividade, em parceria com o Dr. Fidalgo de Freitas, ex-nadador da AAC, Prof. de Natação e a frequentar o curso de medicina. O relatório desta docente foi fulcral para que a DGD demonstrasse a nível superior a necessidade de uma estrutura que se responsabilizasse pela Saúde Escolar, o que veio a acontecer. Ainda fui com o Senhor Dr. Mendes Silva a uma reunião com a estrutura para a qual passava esta responsabilidade. Nesta reunião o Sr. Dr. Mendes Silva foi bem claro na exigência de que fossem verdadeiramente assumidas as respectivas responsabilidades, isto é, que os exames fossem feitos em tempo útil.

As contrapartidas

A DGD cumpriu cabalmente a sua parte em relação à EEAF: atribuiu-lhe os melhores professores de natação de que dispunha - Luís Lopes da Conceição, Jaime Lobo, Uriel Oliveira, João Ferreira, Joaquim Fidalgo de Freitas, Isabel Fidalgo, entre outros; concedeu-

lhe o transporte e possibilitou-lhe abranger toda a população escolar - alunos, professores e outros funcionários que quiseram inscrever-se, aproveitando esta oportunidade de aprender a nadar e com autocarro à porta para os levar e trazer da piscina.

Nessa altura a Piscina Municipal apresentava mensalmente o número de participantes e a sua distribuição pelas diversas instituições, sendo muito grato verificar que o número da EEAF era superior a instituições de índole desportiva.

Devido a este trabalho e, porque desde a primeira aula me integrei nas aulas, curso após curso, recebi, em 1971, convite do Sr. Dr. Mendes Silva para integrar o estágio promovido pela DGD, com a colaboração do Colégio Espanhol de Treinadores de Natação e a participação pedagógica dos seus técnicos, que se destinava a preparar os técnicos de natação espalhados pelo País para os exames de Monitor de Natação e a realizá-los, a fim de dar legalidade ao seu exercício, os nossos próprios professores iriam fazer esta formação, à excepção de Luís Lopes da Conceição, que já estava creditado e fez parte da equipa técnica.

Comecei por recusar, por achar que não estava à altura e que seria até um atrevimento ofensivo para participantes que foram nadadores e detentores de recordes, com vasta experiência de ensino da natação como, por exemplo os Professores Jaime Lobo, Fidalgo de Freitas, Uriel Oliveira e outros. Incentivou-me, realçando as muitas classes em que tinha participado. Que me inscrevesse no estágio e depois, se assim o entendesse, não faria os exames. Propus-lhe que o convite fosse extensivo à colega que trabalhava comigo, Maria Fernanda Figueiredo, que como aluna tinha frequentado a natação e agora colaborava nesta actividade. Aceitou. As duas fizemos a formação e os cinco exames teóricos e o prático (18 a 23/12/1971), ficando aprovadas e muito bem posicionadas. Dos sessenta e poucos participantes obtiveram o certificado cerca de metade, eu fiquei posicionada em 12.º lugar. Nos primeiros lugares os nossos craques. Os espanhóis foram de grande exigência.

E, eis que, além de acompanhar os alunos, me tornei também sua professora de natação, chegando também a ser professora de natação dos alunos da EEAF (1973/74). É interessante que após tantos anos, no Seminário Preparatório do Fórum, promovida pela Secção Regional do Centro da OE e realizado em 28/11/2006, uma enfermeira que apresentava um projecto me abordou para me dizer que a tinha

ensinado a nadar quando era aluna da EEBB e que estava muito grata por isso. Episódios deste tipo têm acontecido em muitas outras ocasiões.

Maistarde, também alunos da Escola, que frequentaram as aulas de natação, fizeram esta formação, um dos quais, aliando a formação em enfermagem e esta fez um belíssimo trabalho com crianças.

Participámos em festivais de grande envergadura como «Vinte e Quatro Horas a Nadar, Coimbra ao Brasil a Nadar», «O Festival das Beiras» e outros. Em todos eles a EEAF esteve envolvida na organização, com controladores de pistas, estafetas para recolher o apuramento dos resultados, distribuição de alimentos, prémios, vigilância e prevenção de acidentes e cuidados de enfermagem, quando necessário. Mas também foi sempre contemplada com a atribuição de pistas em pé de igualdade com outras escolas e organizações desportivas. Num tempo em que era necessário fazer publicidade para obter candidaturas, a EEAF estava constantemente a ser nomeada: *“a entrega do primeiro avental à senhora que nadou 300 metros, é uma aluna da EEAF!”*, *“Mais um avental a uma aluna da EEAF”*, assim como *t-shirts* e outros prémios, mas também as funções atribuídas. Esta divulgação da Escola e das prestações dos seus alunos fazia parte do nosso acordo.

Os alunos sempre honraram a sua Escola e a Enfermagem. Por isso foram convidados a frequentar os cursos de Cronometristas e Juizes de Natação promovido pela Associação de Natação em colaboração com a EEAF (1972), vindo as suas alunas a ser as primeiras mulheres a exercer estas funções no nosso País. Estes cursos foram realizados nas salas de aula da EEAF, à noite.

Eu própria fiz esta formação, mas nunca exerci estas funções, sempre preocupada com o apoio aos alunos e a colaboração na organização das suas prestações. Recordo com emoção o primeiro Festival importante em que actuaram - Portugal-Rodésia. Como me orgulhei delas, da sua postura digna e concentrada. Fui-me infiltrando na assistência para perceber como as aceitavam. Constatando que os comentários eram os mais elogiosos possíveis não resisti a telefonar à Senhora D. Dulce Magalhães Pinto, para que viesse partilhar connosco aquela alegria. Chegaram a exercer estas funções em competições fora de Coimbra (rapazes e raparigas), exercendo as várias funções. Se a memória não me trai, no Portugal-Rodésia a Maria Fernanda Figueiredo foi árbitro, dando o tiro de partida.

Luís Lopes da Conceição, o nosso primeiro e saudoso Professor

Logo nas primeiras aulas o que despertou a minha admiração foi, além da grande competência técnica e pedagógica, a sua simplicidade e a sua bondade. Sempre o recorde envolto nestas duas auras «Um homem simples, um homem bom». Que não se ficava pela borda da piscina a dar as suas orientações. Não, entrava para dentro de água e, quanto isso era importante para jovens-adultas que na maioria nunca tinham entrado numa piscina, cheias de medo! Pode parecer ridículo, hoje, mas terá que ser visto no contexto da época e com uma população que em grande parte vinha do interior. Para algumas mais desfavorecidas economicamente tive até que me servir dos amigos para que pudessem ter toucas e fatos de banho em que se sentissem bem. Tempos difíceis!

Sempre pronto a aplanar dificuldades, recordo um episódio interessante, porque revela «valores» de uma época, hoje inaceitáveis e as complicações que estabelecemos.

Na altura, na piscina não eram permitidas turmas mistas, como também o não eram no ensino em geral. No Curso de Enfermagem Geral, isso colocava-me problemas, porque já tinha na Escola turmas mistas. Os tempos eram todos preenchidos com aulas e estágios. As aulas de Natação decorriam das 12 às 13 horas ou à noite., e já era um grande problema para que saíssem a horas nos cursos que não estavam sob a minha coordenação. Era impensável dividir as turmas. Falei com o Professor Luís Lopes da Conceição, pois tinha um curso em que havia um só rapaz, que estava interessado nesta formação. «Por mim não há qualquer problema, entregue os dados e as fotografias, pode ser que o Dr. Namora autorize» O rapaz era muito jovem e imberbe, com uns cabelos meios encaracolados e não muito curtos, um “franganote”. O que é certo é que me foram entregues os cartões da totalidade dos alunos, incluindo o nosso menino, que começou a frequentar as aulas sem qualquer problema. Logo a seguir, veio outro curso, um grande curso, com muitos rapazes, muitos deles eram Auxiliares de Enfermagem, agora alunos do Curso de Enfermagem Geral (CEG) e, nada imberbes, antes galos feitos, com esporões e penas reais. Deram nas vistas e as suas inscrições foram recusadas, para aquela turma, bem entendido.

O Prof. Luís Lopes da Conceição, posto ao corrente: «Nídia venha ao Festival no dia tal, à noite, estão cá todos, ponha o problema. De certeza que querem ouvir o técnico e, por mim, não há qualquer inconveniente». Assim foi. Em relação ao Senhor Dr. Mendes Silva nada a opor, o Professor Luís Lopes da Conceição não via qualquer problema, mas o Senhor Vereador da CMC, responsável pelas Piscinas não se mostrou receptivo à ideia, havia regras a respeitar. Recordo que ficou atónito quando lhe disse que já tinha um aluno a frequentar as aulas e com sua autorização. Também me recordo de lhe dizer que estava convicta que estes rapazes iriam dar um grande contributo nas actividades da piscina e assegurava, porque os conhecia bem, que não trariam qualquer problema de disciplina. Com tal apadrinhamento tudo se compôs, saindo do festival com a promessa de que as fichas de inscrição iriam ser autorizadas e foram. Foi um grupo maravilhoso, alguns até se tornaram craques (bem entendido, dentro do nível de quem não aprendeu no devido tempo ou aprendeu no rio, sem qualquer técnica, a nadar *à mão*, como se dizia) e uma mais valia nas actividades realizadas no complexo das piscinas, demonstrando que estava absolutamente certa nas minhas afirmações.

A última vez que estive com Luís Lopes da Conceição

Encontrei o meu querido amigo Luís Lopes da Conceição no átrio da entrada principal dos HUC. Foi a última vez que estivemos juntos e um desfiar de belas e sãs recordações a que não pode faltar o episódio do bolo de aniversário, os parabéns dentro da piscina e da prenda de que muito gostou. Soubemos o dia do seu aniversário. No LAEC-Lar Sede, foi feito um grande e bonito bolo. Na piscina exterior de 25 metros, a que era coberta com uma bolha insuflada, onde tínhamos aulas, toda a turma dentro de água a segurar o bolo e a cantar «Os parabéns a você», evidentemente, com o aniversariante junto para apagar as velas. Fui autorizada pela Escola a comprar uma prenda. No «Último Figurino» encontrei uma bela e boa camisola que adorou. Parecia uma criança feliz a contar este episódio. Passou um actual professor da nossa Escola, cumprimentou-me e ficou a ouvir esta e outras histórias e também as manifestações do apreço que por mim nutria, naturalmente com

os exageros de um amigo com um enorme coração bondoso. Também referiu do convite para a Direcção da Associação de Natação, que desejava que também eu integrasse e que não foi concretizado (aí, julgo ter visto uma pontinha de tristeza).

Devo confessar que gostei que um Professor de outra geração ouvisse este relato cheio de calor humano, de um homem bom, direi de «um Homem bom com o coração puro de uma criança».

A família da Natação

O que mais recordo daquele tempo é a vivência de uma verdadeira família, constituída por dirigentes, professores/treinadores, atletas, os nossos alunos, o nosso motorista Senhor José Maria, o Senhor Gonçalves encarregado da Piscinas, todo o pessoal auxiliar. Sempre os senti como membros da mesma família. As relações entre todos nós eram muito simples, sem distanciamentos nem superioridades, todos a darmos o nosso melhor para que a natação se tornasse mais plebeia, chegando aos mais desfavorecidos, mas também que se guindasse a níveis superiores nas tabelas classificativas. Para nós, modestas alunas e alunos, as estrelas que brilhavam no firmamento da natação coimbrã eram os nossos modelos de perfeição, de trabalho, persistência e de dedicação, pois que os recordes não se obtêm de varinha mágica! Não vou nomeá-los, posso esquecer algum.

É engraçado que ao vasculhar o cofre das recordações da Natação não encontro ressentimentos, más vontades, desrespeitos, desvalorizações, discriminações. Pelo contrário muita consideração e estima, amizade pura, desejo de aplanar dificuldades, de colaboração, entusiasmo, abertura, lealdade, muito respeito mútuo, muita compreensão e aceitação pelas nossas insuficiências.

Digo, com inteira convicção, que para mim foi um período muito feliz e assim como o foi igualmente para os nossos alunos que o referem nos nossos encontros.

Também considero que foi a época de ouro da Natação em Coimbra e, isso deve-se, a par do dinamismo do meu querido amigo e saudoso Dr. Mendes Silva, a uma plêiade de homens e mulheres (professores, atletas e funcionários) que souberam criar um clima humano, de verdadeiro acolhimento em que rapidamente os

que chegavam se sentiam envolvidos em carinho e integrados como o caso saudoso Shigeu (escreve-se assim?), um japonês que por aqui ficou leccionando natação.

Nem tudo foram rosas

De facto houve que vencer algumas barreiras para que a Natação constasse nos horários das actividades escolares, e mesmo constando ainda ocorreram alguns bloqueios. Argumentava-se com prejuízos de vária ordem e nos períodos de estágio sair a um quarto para o meio-dia para uma aula de natação era de *lesa-magestade*. Nas reuniões, em frente-a-frente, com argumentos e contra-argumentos, foi mais fácil, mas as guerras silenciosas, as estratégias subtis de obstrução, ontem como hoje, não são *pêra doce de roer*. Recordo, por exemplo, um dia à hora marcada lá estava o nosso autocarro, no largo D. Dinis, mas somente ocupado por mim e o meu colega responsável pela Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica, Enf. Prof. Silvério Monteiro, inscrito nesta actividade. Apesar de constar do horário afixado, e nesse dia para os alunos do 2º Ano, estes não compareceram. Tiveram, a essa mesma hora, a passagem de um filme, cedido por um laboratório farmacêutico, na Faculdade de Medicina, não agendado. O autocarro partiu somente estes dois passageiros que tiveram o privilégio de ter o Professor Luís Lopes da Conceição só para si. Sorte a nossa! Total falta de respeito pelos recursos humanos e materiais postos à disposição da EEAF!

Nessa época era bem menos serena do que sou hoje, convivendo muito mal com estes golpes cobardes, pelo que se pode imaginar o banzé que fiz a seguir a este incidente, que não se repetiu, assim abertamente. Nalguns estágios tudo corria bem, enquanto noutros sempre surgiam imperativos de última hora, somente os alunos com maior poder argumentativo conseguiam uma frequência regular nas aulas de natação. Também as críticas negativas na sombra, o passar pelos festivais (não o assistir) e deixar cair pelo canto da boca uma frase de humor trocista. Não falando do pouco ou nenhum investimento na dinamização dos alunos para participarem assiduamente e sabemos bem como isso é importante!

É fácil iniciar com entusiasmo uma actividade deste tipo ou mesmo um projecto profissional, mas dar-lhe

continuidade exige vencer uma certa tendência para a inércia e milhentos obstáculos reais ou imaginários. É preciso uma grande força interior e alguém por perto que mobilize. Vêm dias cinzentos que deprimem, frios ou chuvosos nada convidativos, exames e a matéria ainda não está bem estudada. Quantas vezes, ouvi frases deste tipo «Enf. Nídia com este tempo!», e a resposta, a rir, não se fazia esperar «A água da piscina está quente» ou «É certo, mas na piscina não chove!», «Com umas boas braçadas não há frio que resista!». Outras vezes eram os problemas pessoais, a ansiedade, uma prova que não correu bem, um ralhete mal recebido: «Hoje não sinto bem, estou inquieta, revoltada, deprimida...», «Acredito, mas a água da piscina tem o condão de ficar lá com todas essas inquietações, vai ver que vem outra!» E assim acontecia. O ambiente descontraído, o deslizar na água, massajando suavemente a pele e a consequente estimulação dos nervos sensitivos periféricos que transmitem ao cérebro uma sensação de bem-estar, as endomorfina a actuarem, produziam o milagre. Quantas vezes ouvi: «Obrigada, se não fosse a Senhora hoje não tinha vindo. Sinto-me leve, descontraída!» E, de facto, a diferença estava estampada nos seus rostos!

Hoje compreendo bem as posturas que na altura me irritavam. Quando integrei o corpo docente, vinha do hospital que considero uma escola de vida, com muitas e enriquecedoras experiências humanas e, no meu caso, com um contacto muito privilegiado com os vários sectores profissionais, nunca tendo sentido dificuldade em estabelecer um diálogo em pé de igualdade com os outros parceiros, que tomavam em consideração as minhas opiniões e me respeitavam. Ao regressar à Escola senti que era preciso uma maior abertura a outras formas de estar e dar uma formação mais alargada aos nossos alunos. Um dos primeiros passos foi atenuar as divisões entre os sexos e isso começou logo no primeiro curso onde foram planeadas actividades conjuntas. Nas cerimónias de celebração do 40.º aniversário do Curso de Auxiliares de Enfermagem de 1967-1969, primeiro curso que coordenei, para as quais fui convidada, na sessão ocorrida na ESEnfC (24/05/2009), para meu espanto, um dos intervenientes na sessão, o Enf. Ilídio Lages Oliveira, venceu bem esse facto e de como foi importante para eles serem considerados em pé de igualdade com as raparigas, bem como as relações abertas estabelecidas entre todos.

Terminado este curso, foi-me entregue a coordenação do Período de Enfermagem Médica com uma turma do sexo masculino e outra do sexo feminino. Claro que de imediato propus turmas mistas. Nos nossos encontros, alguns dos rapazes desse tempo, gracejam dizendo que as raparigas ficaram melhores com essa junção. Eu digo convictamente que se estabeleceram relações mais naturais. Iniciámos também actividades culturais, métodos pedagógicos baseados em dinâmicas de grupo e as actividades já referidas. Nessa época foi também introduzida na escola a ginástica no ACM para alunas e o Judo na AAC para os rapazes (1971), tendo a Escola custeado as respectivas despesas, inclusive com a compra da indumentária do Judo. Estas propostas inovadoras para a época sempre foram bem aceites pela Senhora Monitora-Chefe/Directora D. Dulce Magalhães Pinto e isso também fez massa. Por vezes critica-se muito, mas ajuda-se pouco a fazer melhor.

Claro, romper o *status quo* não se faz sem custos de vária ordem e muito dispêndio de energia, difíceis de quantificar.

A Revolução de 25 de Abril

Quando ocorreu a Revolução de Abril estávamos no auge destas actividades. Como é sabido ela não passou ao lado da Escola. A comunidade escolar canalizou as suas energias para outros interesses, evidentemente os reflexos fizeram-se sentir nestas actividades, embora a natação continuasse. À entrada em funcionamento do primeiro CEG, pós 25 de Abril, sob a minha orientação, sofri um acidente de viação com graves repercussões e um mês de hospitalização. Quando retomei as minhas funções a Escola estava em convulsão, alguns alunos inscreveram-se na Natação e frequentavam as aulas com assiduidade, como, por exemplo, o Enf. João de Deus. Estava habituada a relações muito próximas e abertas com os alunos, com muitas cumplicidades, mas com grandes exigências

mútuas, naquele período conturbado tudo isto era visto como manipulação e as aulas de Natação não fugiam à regra. Era confrangedor ver as posturas de uns quantos alunos que nada conheciam do passado da Escola e constatar as pressões que exerciam sobre os próprios colegas de curso. Aí sim, o sofrimento bateu-me à porta, no mais profundo do meu ser, pois era difícil ser eu própria, com a simplicidade, alegria e o entusiasmo habituais e as relações francas e amistosas com os alunos. Além disso, estava muito debilitada fisicamente. Neste contexto a Natação foi-se perdendo e eu própria, quando recuperei forças, canalizei as minhas energias para um estágio na UCIC do Hospital Geral do CHC, para além das minhas actividades docentes que não deixei de cumprir.

Após a minha eleição para a Comissão Instaladora da EEAF as relações com a DGD foram retomadas, ajudámos a lançar o Desporto para Todos (1977) e em muitos outros projectos de que muito nos orgulhamos e poderemos expor num outro apontamento.

Conclusão

Este despretenhoso relato não pretende ser mais do que um apontamento para a história da Escola onde me formei, agora fazendo parte de uma grande estrutura escolar, a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Foi também a uma oportunidade de homenagear pessoas que foram marcantes na vida desta Cidade e da EEAF e, porque não o dizer, na minha própria vida. Certamente no contexto actual, este relato poderá até não lhe ser atribuída grande importância ou mesmo ser visto como ridículo. Mas a história não se faz só de grandes acontecimentos, estes pequenos nadas, que não ficando registados se perdem na poeira dos tempos, têm pelo menos o mérito de lhe dar um certo colorido.

A utilização da primeira pessoa do singular é uma questão de responsabilização da minha pessoa pelos factos relatados e opiniões emitidas.